

VIAGENS EM CASA.
PERCURSOS CONTEMPORÂNEOS

Marília dos Santos Lopes
Universidade Católica Portuguesa

In memoriam
Maria Laura Bettencourt Pires¹

Em 2001, num artigo sobre “*Viagens na nossa terra*”. *Construções de identidade nacional e definições de portugalidade na narrativa não-ficcional portuguesa contemporânea*, a investigadora e docente universitária, Jacinta Maria Matos, apurava que:

Se assim entendermos a literatura de viagens, como assumindo uma viagem literal (e não simplesmente metafórica) e como tendo necessariamente de incluir um olhar (antes de mais físico e não puramente reflexivo) sobre a realidade na sua existência material, imediatamente teremos de reduzir a muito poucas as obras que cabem nesta definição genológica. (Matos, 2001: 474)

Poucos eram, segundo a autora, os relatos baseados em viagens realizadas em Portugal. Na verdade, e sabendo de uma tradição modelar iniciada com as *Viagens na minha Terra*, surpreendia o facto de as narrativas de viagens em terras portuguesas não se refletirem nos volumes editados nos inícios de um novo século. Talvez a razão de tal facto, e tendo em consideração o ensaísta Eduardo Lourenço no seu *Labirinto da Saudade* se devesse a:

Que o português médio conhece mal a sua terra – inclusive aquela que habita e tem por sua bem sentido próprio – é um facto que releva de um mais genérico comportamento nacional, o de viver mais a sua existência do que compreendê-la. (Lourenço, 1978: 55)

¹Este texto surgiu de um desafio lançado pela Professora Doutora Maria Laura Bettencourt Pires, para proferir uma conferência no âmbito da *Fullbright Association*. A comunicação teve lugar no dia 8 de abril de 2022. Infelizmente, já doente não pode estar presente, mas ainda viu o vídeo como amável e generosamente me partilhou. Com grande gratidão e amizade decidi concluir e publicar a comunicação em sua homenagem com saudades de uma colega e amiga singular, estimada e querida, de quem sentimos muita falta.

Se estes argumentos podem ter algum fundamento, o certo é que as obras referenciadas pela autora, em especial duas delas, se viriam a tornar um marco determinante na escrita de viagens sobre Portugal e poucos anos depois um novo ciclo de publicações viria a lume, dando vivacidade e brilho a este género histórico-literário.

A primeira destas obras nasceu de um convite endereçado pela editora Círculo dos Leitores ao escritor José Saramago que, aceitando o desafio, iria percorrer o país de norte a sul, nos anos de 1979-1980. Dando especial relevância a lugares menos conhecidos e menos percorridos, José Saramago iria reconhecer um país e, em especial, um povo que o faria reencontrar-se entre as histórias, as caminhadas, o património visto e sentido, como irá formular na apresentação do livro. Com a plena percepção de que a viagem é uma viagem em torno da sua cultura e identidade, o escritor afirma: “O viajante viajou no seu país. Isto significa que viajou por dentro de si, pela cultura que o formou e o está formando (...)” (Saramago, 1986: 20). A viagem física entrecruza-se com a viagem cultural de um povo, onde emergem permanentes encontros com individualidades, legados, histórias, objetos, em suma, com os seus vestígios, o seu património. Assim, naturalmente, muitas serão as referências literárias, em busca de uma possível intertextualidade e desejada confrontação de olhares. Neste sentido, irá prestar homenagem, entre outros, a Almeida Garrett, iniciador deste género literário, chamando-o mestre dos caminhos na dedicatória que lhe dirige logo no início do livro.

A outra obra mencionada é o resultado do trabalho de uma equipa interdisciplinar, o que, à partida, se reveste de grande significado. Os autores são o reconhecido historiador José Mattoso, a geógrafa Suzanne Daveau, que fez de Portugal a sua casa, e o fotógrafo Duarte Belo. Tornando-se público no âmbito da Expo 98, este livro deveria apresentar Portugal aos portugueses, e a quem o visitasse, na sua história e geografia, cabendo à fotografia dar visibilidade e contorno ao percurso histórico-cultural português. Já o título *Portugal: Sabor da Terra* espelha um programa ilustrativo e formativo do seus intentos e ensinamentos.

Estas obras marcaram indelevelmente os inícios do século XX e nunca deixaram de ter uma forte presença até à atualidade, como teremos oportunidade de ver.

Depois de alguns anos, será o jornalista e escritor Paulo Moura quem irá deixar um testemunho sobre viagens em Portugal. Em 2007, com *Longe do mar*, uma viagem pela estrada nacional 2 e, em 2016, virá a lume, *Extremo Ocidental*. Ambos os livros realçam o seu grande gosto em contar histórias, percorrendo assim quilómetro a quilómetro à procura de histórias originais e, muitas vezes, insólitas. *Extremo Ocidental*, deixando soar heranças, será considerado um livro singular, como, aliás, a própria viagem realizada de mota ao longo do litoral português. Distinguido pela Associação Portuguesa de Escritores, esta obra é vista como uma redescoberta do país junto ao litoral, e são-lhe reconhecidas características singulares e sobriedade encantatória na sua escrita.

A editora considera o livro "uma colecção de achados de viagem" que "[...] pode ser lido como um guia das praias e dos caminhos, um diário de aventura, ou um ensaio sobre a identidade portuguesa". Não será, pois, de admirar que, no ano de 2018, lhe seja atribuído o Prémio de Literatura de Viagens Maria Ondina Braga.

Quatro anos mais tarde, em 2019, o nome do já reconhecido escritor, Afonso Reis Cabral, associar-se-á aos escritos sobre viagens em Portugal. Desta vez a opção é inovadora: o viajante irá fazer 738 quilómetros a pé e partilhar em tempo real este seu caminho. Já outros o teriam antecedido, como, Nuno Ferreira que, em 2008, palmilhara Portugal a pé, sonho que o acompanhava nos seus vinte anos de jornalismo e que se expressaria em *Portugal de Perto*, obra que Reis Cabral menciona. Não obstante não seja o primeiro a fazê-lo a pé, o facto de procurar companhia através dos novos media, fará desta viagem um sucesso mediático.

Percorrendo a estrada nacional nº 2, de Chaves a Faro, Afonso Reis Cabral escolhe o caminho mais longo para chegar ao mar. Em sintonia com Herman Melville (1819-1891) na busca de nova vitalidade junto à água, Reis Cabral recorda como no capítulo denominado Miragens, da obra *Moby Dick*, a população nova-iorquina se dirige para perto da água em busca da vida: "À volta da cidade, pelas ruas que levam ao oceano, centenas de homens mortais fixam a água. Procuram um reflexo, olham mais para dentro do que para fora, em busca do fantasma da água." (Cabral, 2019: 9). Também o viajante vai em busca da água, do mar.

Mas aquela que foi uma opção particular e individual, possivelmente também de olhar para dentro, tornar-se-á uma viagem de amplo impacto, quase um acontecimento nacional, dado que a irá relatar todos os dias na sua página do Facebook. Já antes da partida, o caminhante anuncia oficialmente a viagem, a fim de não ter desculpas em relação a este projeto arrojado e desafiante para quem nunca fez caminhadas.

Só esperava não ficar pelo caminho, o que era bem possível, embora um bom falhanço também fosse uma coisa boa; (...) para o conter, propus-me publicar um diário do caminho (Cabral, 2019: 21).

Assim, de 22 de abril a 15 de maio de 2019, durante 24 dias, Afonso Reis Cabral irá percorrer “ [...] onze distritos, trinta e cinco concelhos, onze cidades, dezenas de aldeias e localidades, várias serras e muitos rios” (Cabral, 2019: 10) numa descoberta de uma via de ligação que, em prol das autoestradas, perdeu o seu lugar entre as principais vias de deslocação.

Maravilhado pela viagem, pelas paisagens, mas, em especial, com as pessoas que encontra e que o apoiam e ajudam a gerir dificuldades e obstáculos de um caminhante de longo curso, Afonso Reis Cabral irá percorrer os 738 km com milhões de seguidores que o incentivam, socorrem e acompanham, juntamente com aqueles que conhece, com ou sem Facebook, durante a sua viagem. A sua jornada revela-se um fenómeno mediático, pois a presença dos media se irá fazer em tempo real, transformando permanentemente a experiência do caminhante ao longo da sua rota, como Arjun Appadurai notificara no seu livro *Modernity at large: cultural dimensions of globalization* (1996).

Num mundo dependente da tecnologia, qualquer ato cultural terá sempre mediações e implicações mediáticas e digitais, pois, como escreve o antropólogo, são os media eletrónicos que determinam cada momento, o “aqui e agora”, numa permanente e duradoura alteração das rotinas e praticas diárias, e mais da perceção e conceptualização do dia-a-dia. A presença do digital irá, sobremaneira, transformar a experiência do estar fora, modificando o contacto verbal e visual com os que ficaram em casa, que agora se mantem persistente e ininterrupto.

O relato de caminho de Afonso Reis Cabral irá, neste sentido, ser partilhado diariamente e assim todos podem seguir, acompanhar, intervir na programação dos seus dias,

cabendo aos seus seguidores e acompanhantes muito do seu planeamento e quotidiano. São palavras de encorajamento, ofertas de almoços, promessas de guarida e muito outros gestos de solidariedade, apoio, entreaajuda, convívio, incentivo que se podem encontrar nos infindáveis comentários escritos na sua página de Facebook.

Revelador é que a escrita encontra aqui também o seu lugar, estabelecendo um diálogo diário e familiar com o seu leitor. “Que belo texto” e “Que bom é ler a primeira página deste diário de bordo.” (Cabral, 2019: 31). “Que bom ler-te” (Cabral, 2019: 63) são alguns dos comentários. A escrita, como meio de comunicação, transpusera-se de uma experiência individual para uma identificação coletiva, pois a leitura fará com que os leitores se sintam em viagem, bem ao sabor da escrita de viagens: “Tenho acompanhado a sua viagem e também eu tenho viajado com os seus textos [...] todos nós viajamos consigo.” (Cabral, 2019: 83).

Outros partilham, desde já, as saudades que irão ter da leitura assídua e interpeladora, que dá ritmo ao dia e, ao mesmo tempo, à vida. O gosto da partilha, do saborear de experiências são parte integrante do diálogo. Este *feedback* irá acalentar as, cada vez mais, reduzidas forças, feridas e magoadas, pela dureza do caminho e o caminhante encontra nestes amigos um motivo para caminhar e alcançar o seu propósito. Acalentado, o caminhante irá conseguir chegar ao fim da sua meta. Apesar das dores, bolhas, e outras mazelas físicas, o calor humano, a partilha e a solidariedade terão grande peso no rumo a percorrer. Ao longo do texto sente-se permanentemente a interferência, em tempo real, das reações, das observações de pessoas que estão a acompanhar e a seguir este seu percurso.

Assim, conta episódios como o do iogurte pelo qual ficara conhecido:

Fui buscar um iogurte líquido e a mulher da caixa não mo vendeu porque só vendiam o pacote de seis. Incapaz de levar os seis, fui-me embora. [...] Quinhentos metros depois, um carro acelerou na minha direção, apitou, o vidro desceu. Era uma senhora que assistira à cena do supermercado. Uma senhora com um iogurte na mão. [...] Mal acabei de o beber, outro carro com outra senhora trouxe-me outro iogurte. [...] Qual inveja das quatro patas do burro - estas pessoas é que são invejáveis. (Cabral, 2019: 27).

Mas muitos outros se poderiam aludir. Esta estreita e quase íntima relação que estabelece com os seus leitores e seguidores, virá a conhecer, mais tarde, uma versão

em papel, o *Leva-me contigo*, um feliz e apropriado título para a viagem de Afonso Reis Cabral, mas também para o que está em causa e caracteriza a escrita de viagens, versão esta em que se editam também vários comentários do Facebook inaugurando uma relação dialogante entre o texto e os respetivos comentários. Surgirá, ainda, um documentário cuja feitura se deve aos pequenos vídeos que o escritor executou ao longo da sua viagem, tendo assim, através destas duas linguagens e formatos, chegado aqueles que não se tinham dado conta da sua viagem em tempo real.

Assim, e se a narrativa de Afonso Reis Cabral comunga com a escrita de viagens, a noção permanente de descoberta e de estar a construir uma nova geografia do olhar, o seu olhar particular, o certo é que a partilha e comunhão sempre almejada pelo narrador de viagens que interpela permanentemente o seu leitor, bem visível desde as *Viagens na minha Terra*, Reis Cabral transforma este ato já ao longo da sua viagem num diálogo real e duradouro.

Paralelamente à viagem enriquecedora e surpreendente que o autor irá experienciar:

Naveguei neste grande rio que desce Portugal, vendo na sua água de asfalto o que nunca tinha visto, encontrando quem nunca tinha encontrado. Comi banquetes de iogurtes. Dormi sozinho em albergues que guardavam a memória de peregrinos e caminhantes. Acordei em camas alheias no cume de serras. Visitei olarias onde a forma do barro revelava a forma da mão. Aprendi a ser bicho da chuva e do sol. Soube andar quando só era possível descansar e descansar quando só era possível andar. (Cabral, 2019: 163).

Surgir-lhe-á o inesperado, o insólito e o excepcional:

Mas sobretudo espantei-me: a estrada foi mesmo um rio que me levou às margens de novas pessoas, novas histórias. Também me espantei com o entusiasmo por este diário do caminho, dentro e fora do Facebook. E com tanto apoio. O que agora escrevo já estava escrito em forma de saudade antes de chegar ao marco simbólico dos 738 quilómetros (Cabral, 2019: 163).

Eis o espanto, fonte inesgotável da escrita de viagens (Lopes, 2021), que leva Reis Cabral ao encontro de novas pessoas, novas histórias, do entusiasmo partilhado dentro e fora do Facebook. Afonso Reis Cabral não estava à espera de poder contar com muitos seguidores, como se pode ler num dos comentários no Facebook: “[...] muitos leitores deste lado. Vamos consigo” (Cabral, 2019: 143).

Nesta comunhão real e literária, a viagem, entendida como solitária, tornar-se-á uma viagem de grande partilha, também nos media. Esta a novidade que o caminhante, Afonso Reis Cabral, introduz no seu relato de viagem: levar a escrita de viagens a ganhar seguidores, a dar outros passos, a ocupar outros espaços.

Neste sentido, e como se pode ler no comentário do escritor Mário Cláudio:

Textos assim, indiferentes ao suporte, confortam-nos na certeza do futuro da escrita PORTUGUESA. Os antigos, cansados de tanto “escritório”, dormem muito melhor depois de os lerem (Cabral, 2019: 49).

Reis Cabral representa a renovação da escrita de viagens, e em particular, da escrita de viagens sobre Portugal. Na verdade, poder-se-á constatar que alguns jovens vão, precisamente, utilizar os novos media para conhecer, refletir e dar a conhecer Portugal. Apenas dois exemplos.

O primeiro de João Kopke que já, entre 2017-2019, tinha produzido alguns documentários, com a cooperação da TAP, intitulados *Riding Portugal*. Na sua página *online* poder-se-á ler:

Portugal é um país onde mito e história vivem lado a lado. As suas pessoas são únicas, as suas comidas as melhores do mundo e podemos visitar culturas totalmente diferentes percorrendo poucos quilómetros. É um pedaço de terra mágico. E, claro, Portugal são ondas incríveis. O RIDING PORTUGAL é isso mesmo – uma procura por surf que pretende descobrir o que está escondido no caminho para tubos e aéreos. Quem vamos conhecer? O que vamos ver? O que podemos provar e viver? Nesta missão por ondas, o que mais vamos encontrar? Vem descobrir os caminhos por onde nos pode levar uma prancha de surf. (Kopke, 2017-2019)

Com este seu interesse e paixão pelo surf, Kopke não deixa, contudo, de ir mais longe e sempre em cada episódio contar histórias, aspetos, temas que possam melhor dar a conhecer a perceber a cultura portuguesa. Assim, em 2020, e a braços com a pandemia, Kopke realiza uma outra viagem por Portugal, desta vez, de bicicleta que apresenta segundo o mote de “Viver coisas novas” no seu blog:

Quase sempre é o meu objetivo quando olho para um pedaço de tempo que a vida me dá.

Normalmente, o Verão quer dizer isso mesmo – só que em lugares distantes. Mas acontece que este ano, os lugares distantes estavam vedados por um vírus que ameaçou a forma como todos aproveitamos o tempo.

No começo, foi um problema. Dos grandes. O meu próprio modo de estar no mundo (isto de contar histórias) estava em risco. Mas, depois, foi uma oportunidade. A de me obrigar a pensar em como fazer algo novo no meu país que já vou conhecendo. E Portugal, de Norte a Sul numa bicicleta, à procura de ondas e de histórias pareceu-me precisamente isso – um desafio imenso e novo. (Kopke, 2020)

Reconhecido este período como uma oportunidade: a de o obrigar a pensar de modo original sobre Portugal. Nasce, pois, a ideia de percorrer de modo mais próximo, mais particular, o país de Norte a Sul, numa bicicleta, também ele, à procura de ondas e de histórias. Daqui irão surgir 7 interpeladores episódios sobre Portugal.

Também recorrendo à mesma opção de realizar uma viagem de bicicleta por Portugal, Luís Simões irá pedalar, mas também, desenhar Portugal. No ano de 2021 e, durante 113 dias, Luís Simões vai percorrer o país e dar conta dos seus percursos e desenhos na revista *Fugas* do jornal Público, uma revista dedicada precisamente a viagens. Assim, e como se apresenta: “Vê tudo em papel e é assim que vai ver Portugal”. Ao contar as suas histórias em textos e desenhos, o seu olhar por Portugal projeta-se pelas páginas do jornal, quer impresso, quer *online*, aliciando quem o quiser seguir nesta redescoberta afetiva e visual do seu país.

Estes são dois exemplos, por um lado, da vontade de fazer viagens em casa nestes últimos anos, por outro lado, do desejo de inovar essa leitura e mediação com novas abordagens, na sua maioria, recorrendo ao mundo digital para dar maior visibilidade à viagem e aos suportes daí resultantes, qualquer o formato que tiverem.

A terminar, dois caminhantes cujo trabalho já é conhecido e reconhecido. Trata-se, por um lado, de Gonçalo Cadilhe, um nome largamente associado à escrita de viagens contemporânea, uma vez que tem viajado pelo mundo e tem deixado registo do seu viajar, tendo contribuído sobremaneira para uma maior presença e visibilidade da escrita de viagens. (Lopes, 2018)

Muitos são, pois, os títulos que Gonçalo Cadilhe editou sobre as suas viagens, mais de uma dezena e meia, mas aquele que importa aqui referenciar, é o seu último livro publicado em 2020, e que trata de uma viagem que fez em terras portuguesas. Uma das vertentes e características da escrita de viagens deste viajante, tem a ver com um grupo de viagens que o viajante já levou a cabo na sequência de viagens anteriormente

realizadas por outros viajantes. Ou seja, Gonçalo Cadilhe vai nas pegadas, ou nos passos, como o próprio denomina, de outros viajantes, como já fez, por exemplo, com Fernão Mendes Pinto, ou também de Fernão Magalhães. Ora, neste caso, o viajante irá, no centenário do nascimento de Santo António primeiro seguir a rota de Santo António de Lisboa até à Itália, passando pelo Norte de África, e posteriormente, no relato que importa aqui referir ele irá fazer aquela que provavelmente terá sido a sua primeira viagem: a caminhada de Lisboa a Coimbra, onde irá estudar. Na sequência de *Nos passos de Santo António*, Cadilhe vai consequentemente fazer esta viagem a pé entre Lisboa e Coimbra, deixando um testemunho em livro intitulado *Por este Reino acima* que num possível jogo de palavras e ideias, faz recordar o álbum de Fausto *Por este Rio acima*, alusivo às viagens de Fernão Mendes Pinto, entrecruzando de novo estes primeiros viajantes portugueses.

Por este Reino acima conta histórias e peripécias de um percurso a dois tempos, a dois registos, pois ao mesmo tempo que vai narrando as suas impressões e observações, o viajante vai procurando imaginar o que o jovem, então chamado Fernando, ainda monge agostinho, pensaria ao percorrer este percurso entre Lisboa e Coimbra num tempo diferente e num ambiente diverso - uma característica muito particular de seu viajar, a de seguir nas pegadas, nos passos de outros viajantes num cruzar de tempos, de heranças e legados, mas também de mudanças e mutações.

Por fim, e como a que fechar um inusitado ciclo, reaparece um dos autores com que iniciamos esta viagem, mormente, Duarte Belo. Neste Viagens em casa, gostaríamos de aludir a uma viagem, e publicação, mormente a Duarte Belo e o seu *Caminhar Obliquo*.

Já nos tínhamos cruzado com o seu trabalho de fotografia, em *Portugal: Sabor da Terra*, mas agora e apesar de a fotografia ser um decisivo e importante motivo para as suas viagens, o certo é que o fotógrafo vai dando lugar ao viajante, e fundamentalmente, ao escritor. Desde 1997 que o fotógrafo Duarte Belo não deixou de percorrer o país sempre com a câmara fotográfica na mão e sempre, através dela, a deixar retratos inesquecíveis de diferentes tempos em diferentes espaços. Este gosto pela paisagem leva-o a percorrer inúmeras vezes o país à procura dos seus contornos e traços, ou ainda à procura daqueles que souberam tornar em saber as suas digressões por estas terras, como foi o caso do geógrafo Orlando Ribeiro, a quem Duarte Belo já dedicou vários

trabalhos e viagens.² Este gosto vai-se espraçando, para além das fotografias, em textos, inicialmente breves, mas a caminhada vai exigir cada vez mais um apontamento escrito, a memória cuidada e anotada de um registo e assento do seu caminhar, em especial, como afirma:

Há também um certo gosto pelos caminhos que nunca ninguém terá feito de um determinado modo, longe dos trilhos turísticos, das instituições de massas, longe de qualquer olhar, apenas como desejo de silêncio para melhor escutar a voz da terra. (Belo, 2020).

Longe dos trilhos turísticos, das instituições de massas, longe de qualquer olhar, ele busca o silêncio para melhor escutar a voz da terra. Assim, ao longo de duas semanas a caminhar pelo país, numa rota particular, que vai de entre o Penedo Durão, perto de Freixo de Espada à Cinta ao Cabo da Roca, uma rota em que se pode reconhecer a rota traçada por Orlando Ribeiro entre o Portugal Mediterrâneo e o Portugal Atlântico. O seu objetivo foi atravessar a longa diagonal montanhosa do centro de Portugal que divide o Portugal Atlântico, a norte, daquele outro meio país, a sul, sob influência climática da bacia do Mediterrâneo. Percorrer essa linha imaginária que, de forma indelével, distingue duas realidades que se entrecruzam num território relativamente pequeno, mas de extraordinária diversidade paisagística. Sozinho e sem telemóvel, que levou, mas não usa, só para as vezes enviar uma mensagem a tranquilizar a família, ele procura percorrer a geografia da nação, diligência estar numa simples comunhão com a natureza. Assim, como diz: “Este é o relato sumário dessa travessia, da sempre procurada, na terra, reinvenção, redescoberta, de um país” (Belo, 2020: 9) e no final afirma:

Transformei-me em alguém que lê a terra como uma sucessão de dias e noites no ininterrupto caminhar, na procura de água, de alimento, de um ponto de equilíbrio, de uma pacificação. (Belo, 2020: 248)

Sabemos, que os seus interesses pelas viagens se prendem muito com um desejo forte de mapeamento fotográfico do espaço português e a construção de artefactos de comunicação, como sejam livros, exposições, ou textos que reflitam esse movimento

² Em obras como Belo, Duarte. 1999. Orlando Ribeiro: seguido de uma viagem breve à Serra da Estrela: suivi d'une visite à Serra da Estrela. Lisboa: Assírio & Alvim ou Belo, Duarte. 2012. Portugal, luz e sombra: o país depois de Orlando Ribeiro. Lisboa: Temas e Debates.

sobre a terra. As viagens que faz são, sobretudo, viagens de conhecimento dos lugares, da relação das pessoas com os espaços que as envolvem, com a natureza, geológica e biológica, mais do que lúdica.

A viagem será de uma especial dureza e solidão. “Há uma beleza dura na caminhada” (Belo, 2020: 249), pelo que nem toda a gente estaria disposta a abdicar de um quotidiano mais ou menos previsível, para se lançar sobre as cumeeiras do centro de Portugal, sem qualquer apoio, e passar os dias a caminhar com uma mochila pesada, a comer pouco, algumas vezes com sede, muitas noites mal dormidas, enfim, privações de vária ordem. Também porque viajar sozinho é, sobretudo, a vivência de uma grande liberdade e autonomia. Há também a questão de poder ficar o tempo que bem desejar em qualquer lugar sem ter ninguém à espera que termine o registo do troço de um rio, ou a cumeeira de uma montanha, uma aldeia, o conjunto de alguns bairros de uma grande cidade.

Em toda a caminhada, a escrita ganha um lugar particular e impõe-se como fio condutor do visto, sentido, vivenciado. A escrita como um meio, um instrumento essencial da viagem, faz parte integrante do caminhar e da descoberta e redescoberta do país e, automática e involuntariamente, do olhar do seu observador. Nada poderá ser esquecido. O registo minucioso e detalhado tem este papel de apreender e arquivar a memória de uns dias, singulares e únicos, numa comunhão entre natureza e caminhante.

No final do ano de 2021, e no centenário de José Saramago, veio a lume uma nova edição da obra *Viagem a Portugal* de José Saramago, edição esta com fotografias de Duarte Belo. Eis o reencontro de dois autores com forte marca e presença na escrita de viagens a Portugal, que se entrecruzam nesta publicação. Em 2021, o panorama editorial projeta-se assaz diferente do de há vinte anos, em 2001, enunciando e expressando um irreconhecível regresso da escrita portuguesa de viagens sobre Portugal.

Neste retorno, poder-se-á constatar uma particularidade: o forte traço do caminhar e, por isso, do caminhante. Os últimos exemplos de escrita de viagens são, de facto, de autores que optaram por fazer a sua viagem a pé. Neste sentido, e recordando os mestres de caminho de que falava José Saramago em homenagem a Almeida Garrett,

estar-se-á presumivelmente em condições para poder reconhecer neles novos mestres do caminho que, recorrendo a outras tecnologias, a outras rotas, a outras reflexões e abordagens, visam, em múltiplas viagens, e através dos seus passos e olhares, dar a conhecer e a redescobrir o país percorrido: Portugal.

Bibliografia

- Appadurai, Arjun. 1996. *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minneapolis Minn.: University of Minnesota Press.
- Belo, Duarte. 1999. *Orlando Ribeiro: seguido de uma viagem breve à Serra da Estrela: suivi d'une visite à Serra da Estrela*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Belo, Duarte. 2012. *Portugal, luz e sombra: o país depois de Orlando Ribeiro*. Lisboa: Temas e Debates.
- Belo, Duarte. 2020. *Caminhar oblíquo*. Lisboa: Museu da Paisagem.
- Cabral, Afonso Reis Cabral. 2019. *Leva-me contigo. Portugal a pé pela Estrada Nacional 2*. Lisboa: D. Quixote.
- Cadilhe, Gonçalo. 2020. *Por este reino acima: No primeiro "trekking" da história de Portugal*. Lisboa: Clube do Autor.
- Ferreira, Nuno. 2014. *Portugal de perto*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Kopke, João. 2017-2019. *Riding Portugal*. <https://joaokopke.com/riding-portugal/> consultado a 17/9/2022.
- Kopke, João. 2020. *Viver coisas novas*. <https://joaokopke.com/de-norte-a-sal> consultado a 17/9/2022
- Leal, Maria Luísa. 1999. "«Viaje a Portugal»: os passos do viajante". In: *Colóquio Letras*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, n.151/152, p. 191-204. <https://coloquio.gulbenkian.pt/cat/sirius.exe/issueContentDisplay?n=151&p=191&o=p>
- Lopes, Marília dos Santos. 2021. *Andar, ver e escrever: narrativas de viagem-narrativas em viagem: À Volta da Viagem*. Lopes, Marília dos Santos & Santos, Luísa (eds.). Lisboa: Stolen Books, pp. 12-29.
- Lopes, Marília dos Santos. 2018. *Do diário de bordo à ciberliteratura de viagens*, in: *Património Cultural e Transformação Cultural*. Ilharco, Fernando, Hanenberg, Peter & Lopes, Marília dos Santos (eds.). Lisboa: Universidade Católica Editora, pp. 43-60.
- Lourenço, Eduardo. 1978. *O labirinto da Saudade: psicanálise mítica do destino português*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Matos, Jacinta Maria. 2001. "«Viagens na nossa terra»: construções de identidade nacional e definições de portugalidade na narrativa não-ficcional portuguesa contemporânea". In: *Ramalho, Maria Irene e Ribeiro, António Sousa (Orgs.). Entre*

Ser e Estar: raízes, percursos e discursos de identidade. Porto: Edições Afrontamento, pp. 473-502.

Mattoso, José, Suzanne Daveau e Duarte Belo. 1997. Portugal - o sabor da terra. Lisboa: Pavilhão Portugal-Círculo de Leitores.

Moura, Paulo. 2013. Longe do mar: uma viagem pela Estrada Nacional 2. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Moura, Paulo. 2016. Extremo ocidental: uma viagem de moto pela costa portuguesa, de Caminha a Monte Gordo. Amadora: Elsinore.

Onfray, Michel. 2009. Teoria da Viagem. Trad. Sandra Silva. Lisboa: Quetzal.

Saramago, José. 1981. Viagem a Portugal. Lisboa: Círculo de Leitores.

NOTA BIOGRÁFICA

Marília dos Santos Lopes é doutorada em História pela Universidade de Bamberg, Alemanha. De 1986 a 1995 foi colaboradora e bolseira de investigação no Instituto de História Moderna da Universidade de Bamberg, de 1997 a 2001 membro da Direção da Faculdade de Letras da UCP, e até 2006 coordenadora da área de História na Faculdade de Letras da UCP, em Viseu. Atualmente é Professora Associada com agregação da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa em Lisboa e investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC). Entre 2014 e 2017 foi Senior Fellow na Herzog August Bibliothek em Wolfenbüttel, Alemanha. Realizou e publicou, em Portugal e no estrangeiro, vários livros e artigos como bolseira do DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst), ICALP, Günther-Findel-Stiftung (Wolfenbüttel), Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e DFG (Deutsche Forschungsgemeinschaft).

RESUMO

Nos últimos anos assiste-se a um regresso da Literatura de Viagens, cuja temática aborda narrativas com pano de fundo em Portugal segundo novos paradigmas do viajar. *Viagens em casa. Percursos contemporâneos* procura, por conseguinte, percorrer obras editadas nestas duas últimas décadas, salientando temas, propósitos, ou ainda a recorrente presença e visibilidade no mundo digital.

PALAVRAS-CHAVE:

Literatura de viagens, Portugal, caminhar a pé, transformação digital

ABSTRACT

In recent years we have witnessed the return of Travel Literature, which deals with narratives set in Portugal against a backdrop of new paradigms of travel. *Viagens em casa. Percursos contemporâneos* seeks, therefore, to go through works published in these last two decades, highlighting themes, purposes, or even the recurring presence and visibility in the digital world.

KEYWORDS:

Travel literature, Portugal, walking, digital transformation

